

Medo e vitória nos mares



Para as sempre queridas Heloisa Ramos e Fanny Amado.

Medo e vitória nos mares

PERIGOS REAIS E IMAGINÁRIOS
NAS NAVEGAÇÕES

Janaína Amado

Luiz Carlos Figueiredo

5ª edição – reformulada



Copyright© Janaína Amado e Luiz Carlos Figueiredo, 2013

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7.221 – Pinheiros
CEP 05425-902 – São Paulo – SP
www.editorasaraiva.com.br

Tel.: (0xx11) 4003-3061
atendimento@aticascipione.com.br
Todos os direitos reservados.

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

A494m
5. ed.

Amado, Janaína, 1947-
Medo e vitória nos mares : perigos reais e imaginários nas navegações / Janaína
Amado, Luiz Carlos Figueiredo. - 5. ed. - São Paulo : Atual, 2013.
32 p. : il. ; 23 cm. (Nas ondas da história)

Inclui bibliografia
ISBN 978-85-357-1862-1 / 978-85-357-186 (professor)

1. Descobertas geográficas - História - Literatura infantojuvenil. 2. Viagens marítimas - História - Literatura infantojuvenil. I. Figueiredo, Luiz Carlos. II. Título. III. Série.
13-01280

CDD: 910.9
CDU: 910.4

Coleção Nas Ondas da História

Créditos da nova edição

Gerente editorial: Rogério Carlos Gastaldo de Oliveira

Editora-assistente: Solange Mingorance

Auxiliares editoriais: Flávia Zambon, Amanda Lassak e Laura Vecchioli

Estagiária: Gabriela Damico Zarantonello

Pesquisa iconográfica: Tempo Composto

Projeto gráfico: Conexão Editorial

Produção editorial; diagramação e capa: Todotipo Editorial

Suplemento de atividades: Janaína Amado e Luiz Carlos Figueiredo

Vinhetas das páginas 5, 18 e 24: Detalhe do mapa de Abraham Ortelius (1527-98) da Islândia, do “Theatrum Orbis Terrarum”, de 1570. © Royal Geographical Society, Londres.

Imagens da capa (da esquerda para a direita): The Stapleton Collection / Service Historique de la Marine, Château de Vincennes, Paris / Biblioteca Nacional, Paris / Service Historique de la Marine, Château de Vincennes, Paris / Service Historique de la Marine, Château de Vincennes, Paris / Coleção particular, The Bridgeman Art Library, Keystone

2ª tiragem – 2017

Todas as citações de textos contidas neste livro estão de acordo com a legislação, tendo por fim único e exclusivo o ensino. Caso exista algum texto a respeito do qual seja necessária a inclusão de informação adicional, ficamos à disposição para o contato pertinente. Do mesmo modo, fizemos todos os esforços para identificar e localizar os titulares dos direitos sobre as imagens publicadas e estamos à disposição para suprir eventual omissão de crédito em futuras edições.

CL: 810668
CAE: 576157

Sumário

1. Os mares desconhecidos

6

2. Mistérios dos mares

10

3. A conquista do oceano Atlântico

13

Conhecendo os monstros medievais

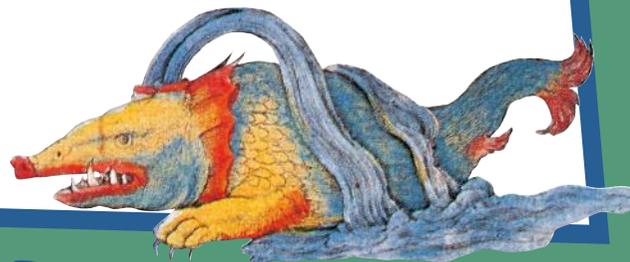
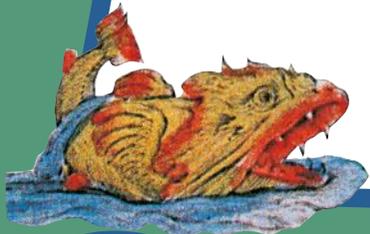
18

4. A abertura do mundo

20

5. Progressos e perigos no mar

26



1. Os mares desconhecidos



ue monstros terríveis habitam os oceanos? Será que ao sul da linha do Equador as águas do mar fervem, devido ao forte calor?

Como os marinheiros podem livrar-se das belas e peri-



Service Historique de la Marine, Châteaue de Vincennes, Paris

Théodore de Bry (1528-1598), desenhista, ourives e editor, registrou nesta gravura (1592) os monstros marinhos e os peixes voadores que povoavam a imaginação dos navegantes da época. In “*Americae tertia pars memorabile provinciae brasiliae historiam continens*”, 3ª parte das *Grands Voyages* (1595), relato das viagens de Hans Staden.

gosas sereias que encantam os homens para aprisioná-los no fundo do mar? Os seres das terras distantes, com cabeça de cachorro e pés de cabra, devoram mesmo os humanos? Que rumos os navios devem seguir para evitar os abismos do fim do mundo?

Essas eram perguntas comuns entre os europeus do século XV. Muitos deles gostariam de explorar terras distantes, mas sabiam pouco a respeito do mundo, dos continentes e, principalmente, dos oceanos. Seus conhecimentos geográficos sobre o restante da Terra resumiam-se a informações imprecisas, misturadas a lendas antigas e histórias religiosas. Por isso, imaginavam que perigos terríveis e monstros horripilantes habitavam as águas e as terras desconhecidas.

Grande parte dos habitantes da Europa conhecia apenas o lugar onde nascera. As viagens eram demoradas, caras e perigosas, e os caminhos, ruins. Para realizá-las, podia ser necessário escalar montanhas e atravessar grandes rios e florestas cheias de animais ferozes e de assaltantes ou, então, regiões desertas, onde era difícil encontrar alimento e abrigo. Por isso, apenas alguns comerciantes, religiosos e aventureiros costumavam fazer viagens de longo percurso.

No século XV, os principais meios de locomoção dos europeus eram as próprias pernas e o cavalo. Quando se tratava de percorrer longos trechos, faziam-se via-

gens marítimas em barcos a vela ou a remo, que hoje nos parecem pequenos e frágeis. Como não havia instrumentos de orientação que permitissem navegar com segurança, os marinheiros, comerciantes e pescadores preferiam velejar próximo ao litoral, norteando-se pelos sinais em terra. A partir do final do século XV, quando começaram a explorar os perigosos oceanos, com suas tempestades, grandes ondas e correntes, tendo à frente apenas o distante horizonte, os europeus precisaram de muita coragem.

Conhecimentos na Antiguidade

As primeiras descrições mais seguras sobre a Terra às quais os europeus tiveram acesso vieram dos gregos, viajantes curiosos que tinham grande respeito pelo conhecimento. Hecateu de Mileto (c. 550 a.C.-c. 476 a.C.),

A HISTÓRIA DA ILHA DE ATLÂNTIDA

Desde a Antiguidade, as ilhas encantavam os povos, que as consideravam lugares especiais, moradas de deuses, de santos e de monstros. O filósofo grego Platão (século V a.C.) descreveu uma rica ilha, “maior que a Líbia e a Ásia juntas”, chamada Atlântida. Por causa de sua natureza maravilhosa e civilização perfeita, a ilha teria provocado inveja nos deuses, que decidiram destruí-la. Em uma única noite, “por causa de um sismo incomensurável e de um dilúvio (...) a ilha de Atlântida desapareceu (...), afundada no mar” (PLATÃO, 2011).

Durante séculos, Atlântida continuou a ser desenhada em muitos mapas, e numerosas expedições foram organizadas para tentar encontrar a fabulosa ilha submersa.



Monstro marinho, detalhe de mosaico dos Banhos de Netuno.



Ostia Antica

depois de viajar pelo mar Mediterrâneo até a Ásia, escreveu um tratado de geografia no qual apresentava a Terra dividida em três partes, Europa, Ásia e África, cercadas por um único mar, o Oceano.

No século V a.C., o historiador Heródoto (c. 484 a.C.-c. 425 a.C.), que escreveu vários livros sobre suas numerosas viagens, reuniu notícias sobre uma série de povos monstruosos, uns com cabeça de cão, outros sem cabeça e com olhos no peito, que viviam ao sul do deserto do Saara e não falavam língua nenhuma. Heródoto também se referiu a um imenso oceano, exterior ao mundo conhecido e salpicado de ilhas, que envolvia a Terra inteira. Uma dessas ilhas era a fabulosa Atlântida.

Museu Arqueológico, Sousse, Tunísia



Deus grego Poseidon, Netuno para os romanos, em seu carro puxado por cavalos-marinhos. *Triunfo de Netuno*, mosaico romano no pavimento da Casa de Wado Blibane, Sousse, Tunísia, século III.

A CRIAÇÃO DO MUNDO, SEGUNDO UM MITO GREGO

No início de tudo era o Caos. Surgiram depois Urano (o Céu) e Gaia (a Terra). Desse casal nasceram os Titãs, gigantes com uma força imensa. Um dos Titãs, Oceano, casou-se com Tétis, e dessa união nasceram as três mil Oceânidas, ninfas* marinhas, e os três mil rios do mundo. O mais forte dos Titãs era Cronos (o Tempo). Cronos desposou sua irmã Reia. Com medo de ser destronado pelos filhos, Cronos os devorava assim que nasciam. Mas Reia conseguiu salvar alguns filhos, entre eles Zeus, Poseidon, Hades e Hera. Zeus revoltou-se contra o pai, destronou-o e se tornou o deus supremo. Casou-se com a irmã Hera, dividindo o restante do universo entre os outros irmãos: Poseidon tornou-se o deus do mar, e Hades, o deus dos infernos.

Um dos maiores geógrafos de todos os tempos foi o grego Cláudio Ptolomeu (c. 90-c. 168 d.C.). Reunindo os conhecimentos geográficos da época, Ptolomeu fez uma descrição extraordinária da Terra. Seus mapas orientaram os viajantes durante séculos. Contudo, expressavam o conhecimento geográfico limitado que ainda se tinha do globo: mostravam duas esferas, a da direita com terras e mares, e a da esquerda vazia, apenas com a inscrição *oceano Ocidental*. A geografia de Ptolomeu foi muito utilizada pelos navegantes árabes, mas na Europa ficou esquecida durante cerca de mil anos, só tendo sido retomada no século XV, quando os europeus começaram a desbravar o oceano Atlântico.

* As palavras com asterisco são definidas no Vocabulário, no final do livro.